

Título do evento:

Do virtuosismo pianístico de Liszt à multi(n)disciplina do século XXI, com Ian Pace

Texto de apresentação do evento e divulgação nos meios de comunicação.

O evento “Do virtuosismo pianístico de Liszt à multi(n)disciplina do século XXI” consiste num percurso programático articulado por dois marcos transitórios (inicial e mediano) e uma estreia mundial, partindo do virtuosismo pianístico do século XIX com Liszt (marco inicial), abordando o impressionismo de Debussy (marco mediano) e percorrendo os séculos XX e XXI, implicando não só a presença do piano como solista mas a multidisciplinaridade das obras de compositores como Kagel, Schnebel, Rzewski, Feldman, Nono, de Almeida, inseridas nas correntes contemporâneas musicais.

O programa é ambicioso e desafiador, não só pela inclusão da estreia mundial da obra *reditus ad vitam*, a terceira composta para piano e outras artes de Patrícia Sucena de Almeida, mas também pela selecção de compositores raramente divulgados em Portugal devido à dificuldade em mobilizar profissionais capazes mas também ao desconhecimento da sua existência.

O esforço para organizar um evento deste género, com a colaboração do Teatro Académico Gil Vicente e dos seus recursos com a participação de um dos pianistas mais dotados para o concretizar, será recompensado com a performance especializada no modernismo musical e virtuosismo transcendental com uma capacidade invejável de superar os desafios propostos por cada uma das multifacetadas obras do programa.

Com a permanência no campo da música Clássica Contemporânea (séc. XX-XXI), transportará todos os intervenientes e ouvintes a mundos que lhes eram estranhos e desconhecidos ou simplesmente serão revisitados e abordados com um diferente “ouvir”/”olhar”. Espera-se não voltar ao mesmo “porto” de partida mas com uma postura mais enriquecida, já que este percurso funcionará como alerta para a delineação ou descobrimento do caminho personalizado de cada um, apesar de requerer uma mente aberta já que são “viagens” exigentes e há que partir à aventura sem temer. Tal como diz Álvaro de Campos, “Sou um formidável

dinamismo..., /Ruge, estoira, vence, quebra, estrondeia, sacode,/Freme, treme, espuma, venta, viola, explode, /Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,/Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,/Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,/Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos,/Sobrevive-me em minha vida em todas as direcções!” (“A Melhor Maneira de Viajar é Sentir Afinal”)

Texto do programa:

O evento “Do virtuosismo pianístico de Liszt à multi(n)disciplina do século XXI” consiste num percurso programático articulado por dois marcos transitórios (inicial e mediano) e uma estreia mundial, partindo do virtuosismo pianístico do século XIX com Liszt (marco inicial), abordando o impressionismo de Debussy (marco mediano) e percorrendo o século XX e XXI, implicando não só a presença do piano como solista mas a multidisciplinaridade das obras de compositores como Kagel, Schnebel, Rzewski, Feldman, Nono, de Almeida, inseridas nas correntes contemporâneas musicais.

A organização do evento foi por si só um processo criativo, desde a recolha prévia de obras, com um estudo do seu ordenamento de acordo com as suas características particulares, tendo em conta a interligação entre estilos composicionais e a conjugação numa unidade coerente total.

Quanto aos marcos transitórios refere-se o inicial, F. Liszt (1811-1889), que abrange o romantismo e início da experimentação dos finais do século XIX. O seu repertório inclui música programática, para órgão, para piano, canções, transcrições, sendo o criador do poema sinfónico e inaugurando o termo “recital” (1840) com a modificação do posicionamento do piano no palco e com a abertura da tampa para difusão do som no auditório.

Há que referir que as suas últimas obras prenunciam, por um lado, o conceito de atonalidade como em *Bagatelle sans tonalité* (1885) e *Prélude omnitonique* (c.1844), chamadas de “omnitónicas” (proveniente de “onde omnitonique”) e por outro, o impressionismo como em *Jeux d'Eaux à la Villa d'Este* (Années de Pèlerinage (1877), Vol. III) e em *Nuages Gris* (1881). Esta última chamou a atenção de Debussy e Stravinsky, sendo representativa, segundo Allen Forte (1926), do idioma experimental, caracterizando-se pelo desvio à estrutura convencional cadencial, importância dos meio tons, utilização das tríades aumentadas como unidade harmónica central, harmonias instáveis, dissonâncias sem resolução, etc.

Outro dos compositores inseridos neste programa, Kagel, utilizou em *Unguis incarnatus est* (1972) o motivo melódico e harmónico inicial de *Nuages Gris*, e segundo este: "On pourrait comparer le rapport musical entre *Unguis incarnatus est* et *Nuages gris* avec celui existant entre les paraphrases de Liszt et les oeuvres des autres compositeurs qui lui servirent de point de départ pour la réflexion musicale."

Para além de compositor, dedicou-se aos concertos a solo, ao ensino e à escrita de ensaios sobre a natureza da música como arte, o papel do artista e a direcção necessária da música referindo-se também *Sketches for a Harmony of the Future*.

Quanto ao marco mediano, C. Debussy (1862-1918), associado à música impressionista (apesar de o próprio desgostar do termo mencionando: "I am trying to do 'something different'—an effect of reality...what the imbeciles call 'impressionism', a term which is as poorly used as possible, particularly by the critics...") e à transição para a era moderna na música ocidental, compôs obras

para orquestra, ballet, solista e orquestra, grupo de câmara, piano solo, piano a quatro mãos ou dois pianos, voz e piano, ópera, coro, etc.

Foi influenciado não só por outros compositores (Tchaikovsky, Balakirev, Rimsky-Korsakov, Borodin e Mussorgsky, Wagner e música não ocidental), mas também pelas outras artes (literatura e a pintura simbolistas (Mallarmé)). Partilhou com estes últimos o interesse pelo esotérico e indefinido, a rejeição do naturalismo e realismo e em especial, o interesse pelo verso livre na poesia e pelo desaparecimento do tema ou modelo na pintura.

Considera-se um compositor influente do século XX, marcando não só a música “clássica” como a de Ravel, Stravinsky, Messiaen, Bartók, Boulez, Dutilleux, Reich, Glass, Takemitsu mas também o “jazz” de Davis, Ellington, Beiderbecke, Monk, Evans, Jobim, Gershwin, etc.

Quanto ao percurso no século XX e XXI, este assenta na influência das práticas experimentais e vanguardistas baseando-se na mudança da perspectiva tradicional do acto criativo e do papel do compositor, “performer” e audiência, implicando um intercâmbio de papéis, incluídos num espaço e tempo também estes móveis.

No Experimentalismo, é difícil conceber a visualização de todos os elementos numa imagem pré-calculada, caminhando para uma permissão de relações que se desenvolvem naturalmente, e os processos (impessoais e externos) utilizados são a forma mais directa de colocar os sons em movimento, proporcionando a cada “performer” movimentar-se com o seu próprio ritmo e velocidade.

No Vanguardismo, temos presente um sistema de prioridades, construindo relações ordenadas entre os seus componentes com definições em termos de opostos dualistas em que cada um existe em função do outro: agudo-grave; subir-descer; rápido-lento; solo-tutti; móvel-imóvel; som-silêncio; colorido-monocromo; melodia-acompanhamento; denso-não denso, etc. As palavras-chave são Integração, Harmonia e Equilíbrio e a responsabilidade de criar relações está nas mãos do compositor, pretendendo congelar o momento, torná-lo único, ficando desconfortável e desconcertado com a não permanência dos sons, pretendendo mantê-los com a maior precisão.

PROGRAMA:

1. Fantasy and Fugue on the Theme B-A-C-H, Franz Liszt,
2. MM 51, Mauricio Kagel
3. espressivo, Dieter Schnebel
4. De Profundis, Frederic Rzewski

Intervalo

5. Six Épigrapes Antiques, Claude Debussy
6. Extensions 3, Morton Feldman
7. “...sofferte onde serene...”, Luigi Nono
8. reditus ad vitam, Patrícia Sucena de Almeida

DESCRIÇÃO DAS OBRAS:

Fantasie und Fuge über Thema B-A-C-H (1871) - Franz Liszt (1811-1889)
Originalmente escrita para órgão (1855) e com arranjo para piano (1871), foi criada a partir do apelido de J.S.Bach utilizando si bemol (B-flat) – Lá (A) – Dó (C) – Si natural (B-natural, que é H em alemão) com contrastes entre “violento” e a repentina “calma pensativa”: na fantasia o motivo é trabalhado “freneticamente” com três climaxes precedidos de uma paragem e após uma alternância de “pensativas meditações” e “vastas” escalas, começa “calmamente” a fuga.

MM 51 (1976), piano e metrónomo - Mauricio Kagel (1931-2008)
Intitulada pelo compositor como “a piece of film for piano” e escrita como “acompanhamento ao vivo” para uma colagem que fez de sequências do filme mudo *Nosferatu* (1929) de Murnau, tendo como preocupação principal (?) a ameaça de perigos e medos relacionados com cenas típicas de suspense, funcionando o toque regular do metrónomo, crucial nesta obra, como enfatizador da tensão rítmica acabando o pianista a sua “performance” com um falso ataque cardíaco.

espressivo (1961/63), piano - Dieter Schnebel (1930)

“A disorienting work of music-theatre, which defamiliarises the traditional rituals of theatrical performance, in which the pianist is sometimes literally lost on the concert stage, in between sonic interactions”. I. Pace

De Profundis (1992), for speaking pianist - Frederic Rzewski (1938)

Escrita para o pianista Anthony De Mare, é designada por “oratório melodramático” para pianista solista que toca e simultaneamente recita passagens seleccionadas da carta escrita, enquanto preso, por O. Wilde a Lord Alfred Douglas. Constituída por oito secções que correspondem à divisão textual e onde se fundem partes textuais, interlúdios e vocalizações tendo o pianista uma série de acções, desde falar, assobiar, rir, murmurar, suspirar, resmungar, soprar, abanar, atacar, “bater” no piano, e utilizar até uma campainha de bicicleta.

Six Épigraphe Antiques (1914) - Claude Debussy (1862-1918)

Obra originária da música incidental (duas flautas, duas harpas e celesta) para as Canções de Bilitis (poesia erótica por Pierre Louÿs) utilizando a técnica de miniatura (*Pour invoquer Pan - dieu du vent d'été, Pour un tombeau sans nom, Pour que la nuit soit propice, Pour la danseuse aux crotales, Pour l'Égyptienne, Pour remercier la pluie du matin*) e baseadas na poesia com estratagemas de métrica subjacentes; ênfase em figuras particulares relacionadas com as acentuações poéticas; estrutura palindrômica; acordes paralelos como “chordal melodies”; a escala por tons inteiros, octatónica, cromática; o tempo raramente estático, possibilitando uma contínua sensação de flexibilidade na estrutura; contorno da rigidez com o desdobrar de novas ideias e numerosas indicações na partitura (“sans raideur” ou “librement expressif”).

Extensions 3 (1952), piano - Morton Feldman (1926-1987)

Obra escrita com notação gráfica, utilizando várias formas e linhas em que padrões frágeis de som são repetidos 40/50 vezes, aparecendo e desaparecendo, tal como os sons fortes sem uma lógica aparente mas podendo estar relacionados com situações inesperadas e provenientes de fonte indefinida. As suas obras deveriam ser encaradas “as if you're not listening, but looking at something in nature” (Michael Nyman, 1974) e por isso o compositor refere que “my compositions are not ‘compositions’ at all. One might call them time canvases in which I more or less prime the canvas with an overall hue of music.” (Michael Nyman, 1974)

...sofferte onde serene... (1976), piano e fita - Luigi Nono (1924-1990)

“... calmas ondas persistem ...” ou “...ondas serenas sofridas...” foi escrita por ocasião de falecimentos tanto na família de Nono como do seu amigo pianista Maurizio Pollini ao qual foi dedicada, tendo um carácter de lamento e um estado geral de resignação. Pontuada por clusters estridentes e fortes, lembrando o tocar dos sinos com origem na gravação de sons de piano (pedal pressionado) e que ressoavam como sons de sinos reverberando. O interior do piano é tocado com a mão, as cordas camufladas, e o batimento dos outros pedais para recriar timbres semelhantes aos sons ambientais.

Segundo Nono, “Sounds of different bells reach my home in the Guidecca in Venice, (...) variously repeating, with various meanings, during the day and the night, through the fog and the sun. They are signals of life on the Laguna, on the

sea (...) and life continues in the suffered and serene necessity of the ‘equilibrium of the profound interior’ as Kafka said.” (...) “The formation of sound was explored including the use of the vibrations of pedal strokes, perhaps particular resonances in the ‘profound interior’. Not episodes that distinguish themselves in their succession, but memories and presences superimposing on each other (...) merging with the ‘serene waves’.”

reditus ad vitam, praesto est illis semper aqua nova (2011), piano, actor e duas bailarinas - Patrícia Sucena de Almeida (1972)

reditus ad vitam (renascença), *praesto est illis sempre aqua nova* (a água renova-se-lhes (aos rios) incessantemente) - O constante renascimento e renovação após momentos inesperados, difíceis, e a analogia destes momentos cíclicos com o percurso de vida de seres metamórficos até conseguirem interagir num “voo” comum e combinado com outro da sua espécie tal como o seu simbolismo, conjugaram-se como fontes de impulso inspirador.

As ideias de simbologia (da borboleta), de associação existencial (da borboleta/homem) e de “voo”, influenciaram os elementos constituintes da obra, não só musicais como a estrutura formal (percurso metamórfico e diversas fases relacionadas com “partes” da obra apesar de não seguir o percurso metamórfico); o material rítmico (ritmos simples/complexos); material melódico (proveniente das letras do título e utilizado em acordes, linhas melódicas e texturas); de textura (densa/crua/vazia (silêncio)) e de tempo (rápido/lento) mas também extra-musicais com a integração de um actor (voz off), declamando o poema de Russell Edson, *The Marionettes Of Distant Masters*, e de duas bailarinas que se conjugam numa totalidade coerente com o pianista.

Biografia Pianista:

Ian Pace nasceu em 1968, Hartlepool, Reino Unido, e estudou na “Chetham's School of Music”, no “Queen's College” (Oxford) e na “Juilliard School” (New York) tendo como principal influência o pianista e professor, György Sándor, aluno de Bartók.

A sua reputação, por um lado, é marcada por uma especialização no modernismo musical e virtuosismo transcendental, combinando nas interpretações de repertório pianístico, elementos derivados da investigação da “performance” histórica com uma perspectiva modernista, produzindo usualmente surpreendentes e originais abordagens interpretativas, e por outro lado, como escritor e musicólogo focando-se em assuntos de performance, música e sociedade, e a avant-garde.

Desde 1993 que prossegue com uma carreira internacional (Reino Unido, Europa e Estados Unidos), abrangendo o seu repertório todos os períodos musicais, particularmente os séculos XX e XXI, incluindo grande número de obras de compositores contemporâneos ingleses, franceses, alemães e italianos tal como os clássicos da música moderna como Boulez, Stockhausen, Barraqué, Xenakis, Ligeti, Nono, Kagel e Cage.

É conhecido pelas suas programações ambiciosas e engenhosas e a habilidade de superar os desafios transcendentais pianísticos. Assinalam-se as estreias mundiais para piano solo incluindo obras de Richard Barrett, Luc Brewaeys, William Brooks, Aaron Cassidy, James Clarke, James Dillon, Gordon Downie, Pascal Dusapin, Brian Ferneyhough, Michael Finnis, Christopher Fox, Volker Heyn,

Wieland Hoban, Hilda Paredes, Alwynne Pritchard, Horatiu Radulescu, Frederic Rzewski, Thoma Simaku, Howard Skempton, Gerhard Stäbler, Serge Verstockt, Jay Allan Yim and Walter Zimmermann e os ciclos de obras incluindo Klavierstücke I-X de Stockhausen, as obras para piano de Ferneyhough, Fox, Kagel, Ligeti, Lachenmann, Messiaen, Radulescu, Rihm e Skempton.

Já actuou em 22 países e em festivais como o “Festival D'Automne”, “Agora”, “IRCAM”, “Archipel”, “Ars Musica”, “International Beethoven Festival”, “Berlin Biennale”, “Wien Modern”, “Nuovo Consonanza”, “Sonorities”, “Warsaw Autumn”, “International Bartok Festival” e outros Festivais Internacionais de Música em Aldeburgh, Bath, Cheltenham, Huddersfield e Oxford.

Actuou com a *Orchestre de Paris* sob a orientação de Christoph Eschenbach, a *SWR Orchestra*, a *Dortmund Philharmonic*, e a *Dutch Radio Kamer Filharmonie*.

Muitos dos seus recitais e gravações têm sido transmitidos (as) pelas rádios inglesa, francesa, belga, alemã, suíça, austríaca, italiana, polaca, e australiana. Gravou numerosos CD's em Metier, Mode, Hat Art, NMC, Black Box, Albedo, Stradivarius e Naive labels, que foram muito bem recebidos pelo público.

Como foi referido, é também um prolífico escritor sobre assuntos musicais, tendo publicado artigos em variados jornais e capítulos de livros: foi co-editor e contribuiu para o livro “Uncommon Ground: The Music of Michael Finnissy”, publicado por Ashgate Ltd em 1997; escreveu um capítulo na “Cambridge History of Musical Performance”, editado por Colin Lawson e Robin Stowell; e está a escrever a monografia intitulada “Brahms Performance Practice: Documentary, Analytic and Interpretive Approaches” que será publicada por Ashgate em 2012-2013.

Como investigador e professor refere-se ainda que entre 2003-2006 foi “AHRC Creative and Performing Arts Research Fellow” na “University of Southampton”, onde escreveu uma monografia sobre “The History of Photography in Sound” (do compositor Michael Finnissy). Em 2007 foi “Lecturer” em *Contemporary Musicologies* no “Dartington College of Arts”, e em 2010 foi nomeado “Lecturer” e “Head of Performance” na “City University”, Londres. A sua área de competências inclui a prática de “performance” do século XIX (especialmente o trabalho de Schumann, Liszt e Brahms), assuntos sobre a música e sociedade (com particular referência a trabalhos de Adorno, Frankfurt School, e seus seguidores), música e identidade, a performance contemporânea e a sua prática, música e cultura sob o fascismo, e o pós-1945 “avant-garde,” especialmente na Alemanha Ocidental. Entre 1998-2001 ensinou piano no “London College of Music and Media”, em 2006 no “Trinity College of Music”, em 2005 no curso “Acanthes” e em 2009 no “Impuls” tal como orientado masterclasses e workshops para compositores e como professor convidado para conferências abarcando diversos assuntos.